



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

E-ISSN 2316-3828

DOI-10.17564/2316-3828.2018v6n3p97-106

NÚMERO TEMÁTICO - PROCESSOS DE FORMAÇÃO E ENSINO-APRENDIZAGEM NA CIBERCULTURA

DISPOSITIVOS MÓVEIS DIGITAIS E DESAFIOS DA PESQUISA E ENSINO-APRENDIZAGEM DE ESCRITA E LEITURA *ON-LINES* DIGITAL MOBILE

DIGITAL MOBILE DEVICES AND CHALLENGES OF RESEARCH AND TEACHING-LEARNING WRITING AND READING ON-LINES

DISPOSITIVOS MÓVILES DIGITALES Y LOS RETOS DE INVESTIGACIÓN Y ENSEÑANZA-APRENDIZAJE DE LA ESCRITURA Y LECTURA EN LÍNEAS

Robério Pereira Barreto¹

RESUMO

Este trabalho teoriza sobre as atuais ocorrências e os desafios que o cotidiano escolar vem experimentado com uso dos dispositivos móveis em sala de aula pelos alunos. O objetivo é mostrar algumas possibilidades com as quais os professores podem articular e construir juntos com estudantes, metodologias inovadoras para atuar em tal realidade. No que diz respeito à metodologia que orienta esta proposta é da Teoria fundamentada – *The grounded* – em virtude de permitir a observa-

ção empírica dos sujeitos participantes da comunidade escolar e da interação social e virtual entre todos via as redes sociais presentes nos celulares de professores e alunos.

PALAVRAS-CHAVE

Dispositivos Digitais Móveis. Cotidiano Escolar. Aprendizagens Móveis.

ABSTRACT

This work theorizes about the current events and the challenges that the school experimented with use comes from everyday life of mobile devices in the classroom by students. The goal is to show some possibilities with which teachers can articulate and build together with students, innovative methodologies to act in such a reality. With regard to methodology that guides this proposal is reasoned – The grounded theory – in virtue of allowing the empirical observation

of the subjects participating in the school community and of social interaction and virtual among all via social networks present in the cell phones of students and teachers.

KEYWORDS

Mobile Digital Devices. Mobile Learning. School Life.

RESUMEN

Este trabajo teoriza sobre los acontecimientos actuales y los desafíos que la escuela experimenta con el uso de los dispositivos móviles en las clases por los estudiantes. El objetivo es mostrar algunas posibilidades con que profesores pueden articular y construir junto con los alumnos, metodologías innovadoras para actuar en dicha realidad. Con respecto a la metodología que guía esta propuesta es la Teoría Fundamentada – Grounded Theory – en virtud de que permite la observación empírica

de los sujetos participantes en la comunidad escolar y de interacción social y virtual entre todos a través de las redes sociales presentes en los celulares de los estudiantes y profesores.

PALABRAS-CLAVE

dispositivos digitales móviles. Vida cotidiana en la escuela. Aprendizaje móvil.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta ponderações teóricas sobre as lacunas e os paradoxos existentes entre as práticas de ensino de leitura e escrita analógicas oferecidas pela escola e as práticas digitais de aprendizagem móveis autônomas – *Flipped* – desenvolvidas pelos estudantes que, atuando como criadores-usuários de conteúdos se movimentam na cultura participativa da *web* por meio dos dispositivos móveis digitais conectados à internet.

A presença de dispositivos móveis – celulares, câmeras, *tablets* e *notebooks* no cotidiano escolar significa uma contribuição significativa para a sociedade, para a escola que, em face das vicissitudes das tecnologias e mídias digitais de comunicação cada vez mais rápidas, tencionam e influenciam o processo de ensinagem² escolar, devido os dispositivos móveis provocarem conflitos entre os modos de pensar dos professores analógicos e dos alunos digitais.

O *insight* para este trabalho foi à “reclamação” de uma professora de escola pública do município de Santo Antônio de Jesus-BA (município situado no Recôncavo Sul, a 190 quilômetros da capital – Salvador-BA; de acordo com o censo 2015, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) a população estimada é de 101.548, território 268,764 km² o que dar uma densidade demográfica de 348,14 habitantes por km²) em um de nossos encontros do Grupo de Estudos em Educação, Linguagens e Mídias Digitais (GEELMAD) em 2015.

Vejamos a exposição da profissional:

Professor, os estudantes parecem não mais acreditar no que lhes estamos ensinando em sala de aula, eles ficam alheio na sala de aula; todo tempo trocando mensagens pelo celular; o que fazer para mudar esse quadro se eles lêem e escrevem com pouca ou nenhuma qualidade?

² Termo usado para substituir a expressão ensino-aprendizagem, considerando que os atores envolvidos neste processo são criadores e usuários de conteúdos distribuídos em redes colaborativa e online. Importa destacar ainda que há aqui uma “apropriação” do referido termo de modo parafrástico ao “produsagem” de Bruns (2006).

A partir de então iniciaram outras inquietações que foram imediatamente discutidas nos encontros seguintes – GEELMAD, sediado no campus V da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), onde acontecem estudos sobre linguagens e tecnologias digitais e dispositivos móveis. Quais sejam: a escola deveria reclamar para si, a responsabilidade de reconhecer as práticas de linguagens realizadas pelos estudantes, no âmbito das tecnologias digitais móveis como ação válida de aprendizado? Que conhecimentos eram aqueles que, conforme os estudantes se achavam desprezados pela escola? Que conhecimentos seriam úteis para um aluno em formação inicial, para que ele pudesse associar seu cotidiano escrito no mundo digital e a escrita aceita pela o fazer pedagógico?

Na busca de respostas a essas questões se iniciaram pesquisas bibliográficas. Nestes apontamentos, teóricos relacionados à temática contribuíram para o entendimento das mutações que ocorrem no processo de ensino-aprendizagem de escrita dentro e fora escola. Foram selecionados trabalhos de Recuero (2008), Santos (2011), Coll (2010), Bakhtin (2002), Lévy (2002), Xavier (2011), Young (2013), Palfrey e Gasser (2011), por meio dos quais foi possível compreender os papéis de cada agente educacional – professores e estudantes, bem como do cotidiano escolar e social em que as mensagens das mídias digitais e das redes sociais se estabelecem como espaço de novos aprendizados e interação.

A *priori*, categorias teóricas emergiram e orientam, quais sejam: nascidos digitais, imigrantes digitais, cabeças digitais, cotidiano escolar analógico, cotidiano estudantil digital.

O grande número de pessoas que está utilizando tecnologias digitais móveis no Mundo e Brasil aumenta exponencialmente a cada dia. Isso certamente está vinculado à ampliação das redes tecnológicas e mídias digitais de comunicação nas quais, as pessoas, em especial os adolescentes e jovens que têm acesso aos dispositivos móveis: telefones celulares, computadores e *tablets* são seduzidos a *modus vivendi* compatíveis com tais mobilidades.

Orientada pelos nós da rede, a Organização das Nações Unidas (ONU) tem pesquisas, mostrando que, des-

de 1998, o avanço de telefones móveis, TVs digitais e a internet permitiram a adolescentes e jovens, desde suas próprias residências e também das ruas interagirem com novos agentes de letramentos promotores de estados de aprendizagens. Isto, sem dúvida, colocou em crise metodologias tradicionais, até então, usadas pela escola na formação escritora e leitora dos estudantes.

A escola não acompanhou os avanços tecnológicos e cognitivos dos estudantes, perdendo assim, sua primazia de agência suprema de letramento. Os estudantes passaram a aprender por meio de outras agências de letramento disponibilizadas diversidade de sítios presentes na web. Frente a estas provocações, o espaço real da sala de aula passaria a ser reorganizado para dialogar com mundo digital uma nova metodologia. Eis aí, pois, o sentido das metodologias ativas *Flipped classroom* e a *Flipped learning*.

Segundo Moran (2014) possibilitada pelo uso de dispositivos móveis digitais conectados aos diversos espaços de agenciamento de aprendizagem da web, quais sejam: links e hiperlinks de vídeos e bibliotecas digitais, grupos de redes sociais, onde especialistas no assunto proposto pelo professor para a aula, expõem suas concepções, estudos e experiências no tema, levando ao aluno à apropriação de saberes até então não conhecidos.

2 DIÁLOGO EM REDE: O QUE DIZEM OS TEÓRICOS

Os estudiosos dos processos tecnológicos e digitais disponíveis na *web* têm destacado com vigor, o lugar que as redes sociais assumiram no cotidiano de todos nós, especialmente no contexto da sala de aula, onde adolescentes e jovens são os usuários competentes de tais dispositivos; enquanto nós, professores apenas usufruímos das funções básicas de tais equipamentos.

Esta sessão se propõe ao diálogo e à interação social por meio da linguagem recorrente nos dispositivos móveis que, por meio dos *sites* de redes sociais conectados à *web* garantem a manutenção da aprendizagem no par: Eu – Outro – constituinte do pilar que sustenta qualquer rede; seja ela social ou técnica.

Nesse processo, o que importa são as novas possibilidades de aprendizados oferecidas pelos dispositivos móveis, porque elas provocam deslocamentos na proposta metodológica tradicional de ensino até então oferecida pela escola, onde tecnologia predominante é a oralidade. Por meio dela é que se faz a transmissão do conhecimento de forma unilateral – um – todos.

Por outro lado, no cotidiano escolar, os estudantes reclamam por metodologias inovadoras nas quais se levem em conta todo o aparato linguístico e comunicacional, possibilitado pelas semioses presentes nos dispositivos móveis. Estas, por sua vez permitem a criação e a manutenção de relacionamentos afetivos por meio do uso da linguagem semiológica das redes sociais da *web*.

Para Recuero (2008) as redes sociais por se constituírem em complexos interacionais apoiados em tecnologias digitais de comunicação e fazem com que os agrupamentos humanos na *web* se encontrem e revelem suas formas de comportamentos pessoais.

Diante dessas questões, as redes sociais da *web* exigem cada vez mais o uso semiótico da linguagem que, neste caso, se transforma em tecnologia intelectual. Então, o *modus* de aprender e produzir novas linguagens asseguram a conexão e a interação entre os sujeitos; estes em suas ações comunicativas se completam e se solidificam por meio de iniciativas livres em que construir interação socioverbal; conforme Bakhtin (2002) a interação entre interlocutores é o princípio fundador da linguagem. Assim, a linguagem é fundamental para a comunicação, mas que a interação dos interlocutores funda a linguagem.

Diante disso, o autor russo ao tratar da questão interacional entre o locutor e o locutário afirma: o locutor é um ser social é por seu turno, uma maneira de aprendizagem e uso social da linguagem.

Sabe-se que essas afinidades em redes sociais ocorrem devido ao acordo estabelecido entre os participantes das comunidades sociais que, falando o mesmo código, partilhando o mesmo capital social nela existente, interatuam sociodigitalmente e fazem do cotidiano um mundo integrado de conheci-

mentos trocados por meio de dispositivos móveis de comunicação.

Essas interações, na Internet, são percebidas graças à possibilidade de se manter os rastros sociais dos indivíduos, que permanecem ali. Um comentário em um weblog, por exemplo, permanece ali até que alguém o delete ou o e weblog saia do air (sic). Assim acontece com a maior parte das interações na mediação do computador. Essas interações são, de certo modo, fadadas a permanecer no ciberespaço, permitindo ao pesquisador percepção das trocas sociais, mesmo distantes, no tempo e no espaço, de onde foram realizadas. (RECUERO, 2008, p. 30).

Na realidade, o *modus* de produção de linguagem no âmbito dos dispositivos móveis, baseia-se, sobretudo no princípio da interação social em que, segundo Bakhtin (2002) há um *Eu* e *Outro* que compartilham ações de linguagem e capital social no ato de interação.

Os falantes no diálogo se constroem e constroem juntos o texto e seus sentidos; em segundo lugar, surge a questão da dinâmica da interação e da construção dos simulacros intersubjetivos [...] os interlocutores se avaliam e expressam esses valores por meios diversos de conteúdo ou de expressão, incluídos aí a entonação [...] o tom não é determinante pelo material do conteúdo do enunciado ou pela vivência do locutor, mas pela atitude do locutor para com a pessoa do interlocutor (A atitude para com sua posição social, para com a importância etc.). (BAKHTIN, 2002, p.396).

Para Recuero (2008) a questão de a interação nas redes sociais poder ser vista a partir do que Parsons e Shill (1975) dizem: compreendem sempre o *alter* e o *ego* como elementos fundamentais, onde um constitui-se em elemento de orientação para o outro. A ação de um depende da reação do outro, e há orientação com relação às expectativas (RECUERO, 2008, p. 31).

Isto leva à inferência de que cibernautas ao se constituírem como atores sociais na rede, buscam em suas ações de linguagem e comunicação a reciprocidade. Esta por sua vez pode acontecer instantaneamente como também podem acontecer a *posteriori* visto que os comentários dos *post*, *rastags* normalmente correm por meio de assíncronas.

3 DISPOSITIVOS E LINGUAGENS DIGITAIS MÓVEIS NA APRENDIZAGEM COTIDIANA

O uso dos dispositivos móveis no cotidiano escolar tem motivado calorosas discussões no ambiente educacional de tal modo que as pessoas que se comunicam por meio de redes sociais presentes no celular são consideradas dependentes de usos de tecnologias e mídias digitais (YOUNG, 2013)

As linguagens multissemióticamente constituídas pela *web* produzem sentidos variados na comunicação e na educação contemporânea. Neste estágio, os usuários de dispositivos móveis se mostram competentes no falar e no escrever digitais de tal modo que a capacidade de integrar epistemologias às tecnologias constitui-nos em sujeitos racionais, diferenciando-se dos utilizadores comuns de celular e outros dispositivos móveis.

Toda tecnologia é um conhecimento criado, desenvolvido e aplicado para resolver os problemas de limitações físicas e intelectivas do homem. [...] a tecnologia pontencializa ações e abstrações dos sujeitos garantindo mais rapidez, eficiência e abrangência no espaço e no tempo em que seus beneficiários se encontram real e/ou virtualmente. (LÉVY, 2011, p. 31).

O homem contemporâneo fez das tecnologias, em especial, os dispositivos móveis uma extensão física e mental do seu ser, promovendo assim, o desenvolvimento social, cultural e educativo de si mesmo, num cotidiano marcado pela interação sócio-verbal gerada pelas redes sociais da *web*.

Segundo Lévy (2011) a troca de linguagem leva o homem contemporâneo a permanente evolução, o qual tem nas tecnologias a matriz criativa e socializante dos processos comunicativos e educacionais em voga na ordem do dia. Porém, o que se tem visto é que o cotidiano escolar tem, no mínimo, renegado essa presença em nome de uma produção de conhecimento pautado no tradicionalismo das tecnologias analógicas mantidas pelo sistema dominante. Dizendo de outro modo, a linguagem é, sem dúvida, criação humana com a qual são determinados processos de

comunicação social que, de certa maneira constitui-se em possibilidade para a educação.

[...] a linguagem é a criação tecnológica que viabiliza a invenção e permite a execução de todas as outras tecnologias, haja vista que sem ela é impossível pensar inventivamente artefatos e muitos menos montá-los, pois palavras encapsulam conceitos, matéria-prima essencial para pôr o raciocínio em funcionamento. (LÉVY, 2011, p. 32).

Desse ponto de vista, todo ato de linguagem tem uma lógica argumentativa na qual a interação entre indivíduos reclama suportes tecnológicos que, no caso da sociedade contemporânea, são os dispositivos móveis. Por outro lado, a linguagem em si é uma tecnologia essencial para a existência do ser humano que, social, cultural e semioticamente renova-se na perspectiva de atender a imaginação do homem.

4 COTIDIANO, DISPOSITIVOS DIGITAIS MÓVEIS E AS REDES SOCIAIS

No contexto atual, os cenários econômicos globais têm exigido uma comunicação sem igual escala, portanto a incorporação das redes sociais na educação escolar como parte contínua do processo se justifica devido ao potencial de aprendizagem e de qualidade interacional existentes nas redes sociais permitidas pelos dispositivos móveis.

Dessa maneira é possível reconhecer que as tecnologias digitais ora caracterizadas como celular e computadores portáteis entre outros meios facilitadores e potencializadores de acesso a linguagens e conhecimentos relativos à amplitude de se ter novos processos educacionais interativos.

Heterogeneidade dos recursos tecnológicos incorporados, sua natureza e características, sua desigual potencialidade como ferramenta de comunicação e de transmissão de informação, a diferença de uso efetivo desses recursos por professores e alunos, as diferentes posturas pedagógicas e didáticas em que estão circunscritos etc. [...] o aperfeiçoamento da aprendizagem dos alunos em contextos complexos, como são, inegavelmente, os da educação formal e escolar, nos quais intervêm simultaneamente muitos outros fatores. (COLL, 2010, p. 69).

A incorporação das redes sociais no processo educativo escolar torna-se um axioma que reclama por metodologias e posturas pedagógicas equivalentes com a realidade cotidiana dos estudantes que, nascido na era digital, agem cognitivamente e socialmente.

Do ponto de vista da sociedade do conhecimento em rede, as redes sociais como ferramenta psicológica e cognitiva geram melhorias qualitativas e quantitativas, sendo que na primeira, o estudante tem amplas possibilidades de encontrar na rede de relacionamentos novos meios linguísticos, culturais e tecnológicos para enriquecerem suas aprendizagens.

Este procedimento tem beneficiado aqueles que buscam nesses dispositivos, maneiras diversificadas que ampliem os objetos de ensino e aprendizagem com o uso das potencialidades das redes sociais.

Esses procedimentos e ferramentas estimulam a experimentação, a reflexão e a geração de conhecimentos individuais e coletivos, favorecendo a formação de um ciberespaço de *intercriatividade* que contribui para criar um ambiente de aprendizagem colaborativa. (COBO; PRADO, 2007, p. 101 apud COLL, 2010, p. 70).

O interessante é que as potencialidades de redes sociais no ensino e na aprendizagem estão para além dos usos efetivos que professores e estudantes fazem da *web* para a comunicação e interação interpessoal.

As possíveis melhoras de aprendizagem dos alunos são vinculadas à sua participação e envolvimento nessas atividades, nas quais a utilização das TIC é um aspecto importante, mas apenas um entre os muitos aspectos relevantes envolvidos. [...] nas atividades que desenvolvem professores e estudantes graças às possibilidades de comunicação, troca de informação e conhecimento, acesso e processamento de informação que estas tecnologias oferecem. (COLL, 2010, p. 70).

Embora ainda não se tenham definidos os estudos sobre a incorporação das redes sociais na educação e à conexão das escolas ao ciberespaço via internet, há indícios de que diferenças exponenciais se manifestam quando se pensam nas desigualdades sociais e econômicas do país. Assim, enquanto em alguns estados o acesso a computadores ligados à internet é uma

realidade acessível, na Bahia está questão se repete, uma vez que na capital e região metropolitana as redes sociais compõem o cotidiano das crianças e dos adolescentes, bem como dos professores.

A incorporação das redes sociais na educação está, portanto, longe de apresentar um panorama tão hegemônico quanto às vezes se supõe, e seus efeitos educacionais variam de acordo com o modo de se ver o ensino. “Na maioria dos cenários de educação forma e escolar as possibilidades de acesso e uso dessas tecnologias ainda são limitadas ou mesmo inexistentes” (COLL, 2010, p. 71).

No contexto regional, isto é, na microrregião de Irecê-BA o uso das redes sociais por professores e estudantes é limitado, portanto, as competências e habilidades permitidas por essa inovação na melhoria de práticas educacionais da escola ainda são restritas.

O que se tem visto é o uso das redes sociais para se ampliar o leque de amizade e troca de mensagens pessoais entre indivíduos. Isto confirma o afastamento dos profissionais da educação dessas tecnologias e, principalmente, do não uso dessas ferramentas tecnológicas e digitais no aperfeiçoamento do ensino e aprendizagem na escola. “A baixa utilização da internet como instrumento inovador ao ensino e à aprendizagem e com o fato de pouquíssimos professores mencionam empregar as possibilidades oferecidas por essa tecnologia para a colaboração, a criação a difusão da informação” (COLL, 2010, p. 71).

A sociedade contemporânea traz em seu contexto elementos sociais, políticos e econômicos que interferem diretamente no modo de agir dos indivíduos e das comunidades. No campo educacional, estas mudanças têm sido questionadas pelas mudanças que as tecnologias digitais vêm provocando no modo de fazer dos professores e dos alunos, quando se refere à questão do ensino e da aprendizagem.

“Nativo digital”, que participa praticamente desde seu nascimento de práticas mediadas pelas TIC. Essas tecnologias “formatam” não apenas suas relações com o mundo exterior como também seus processos intramentais, modificando em algum grau tanto as funções cognitivas encarregadas de gerenciar o conhecimento quanto às percepções sobre o sentido e o significado

do que é comunicar-se e aprender. (COLL, 2010, p. 94).

Na conjuntura atual, não se tem claro ainda quais seriam as melhores formas de se tratar o ensino e a aprendizagem em meio aos avanços das tecnologias digitais que suportam as redes sociais como ferramenta de interação, ensino e aprendizagem da geração nascida na era da informação digital. Então, “as mudanças nas formas de ensinar e aprender que esta nova sociedade requer não responde a modismos, os quais vão e vêm com o tempo: são mudanças que vieram não só para ficar como para tornarem-se mesmo cada vez mais radicais” (COLL, 2010, p. 98).

Considera-se que os modos de ensinar e aprender por meio do uso de tecnologias aplicadas à educação estejam passando por momentos de crise, nos quais se instalam abismos, entre estes se destaca o abismo sociocognitivo, uma vez que as redes sociais têm criado separações nas maneiras de pensar, agir e, em especial, a ensinar e aprender no mundo digital. “Nas escolas, tal situação é palpável e, enquanto um grupo reduzido de docentes está na “crista da onda informática”, a maioria mal chega a ser um usuário competente.” (COLL, 2010, p. 98).

Uma questão dessa natureza provoca uma série de conflitos na sociedade que, até então, pautada em processos de ensino e de aprendizagem centralizados em metodologias ortodoxas em que a exposição verbal se mantém como método hegemônico de transmissão do conhecimento.

De acordo com o pensamento vigotskiano as ferramentas permitem aos usuários modificarem o entorno e suas realidades, bem como as práticas daqueles que as utilizam e os modos de agir de atuar com essas tecnologias. No campo educacional, essas tendências são perceptíveis à medida a internet passa a ser reconhecida como ferramenta de ensino e aprendizagem.

[...] essas ferramentas estão no centro dos nossos processos de comunicação e aprendizagem, como ocorre com as TIC, não é exagerado dizer que seu uso extenso, persistente e permanente pode formatar nossa mente como fizeram, em seu momento, outras ferramentas de comunicação e de aprendizagem, como a linguagem oral ou a escrita. (COLL, 2010, p. 98).

Estas proposições remetem ao pensamento de Castells (2000), nas quais ficam evidentes que, a sociedade é global e, portanto, as mudanças de postura em várias áreas, em específico no campo econômico e educacional onde a internet e as redes sociais permitem a produção, socialização e aprendizagem em rede.

Deste modo, se considera essas mudanças um processo silencioso em que o ser humano propõe revoluções em vários campos de atuação. Como resultado dessas mudanças são os conflitos já presentes na sala de aula e fazem com que os professores sejam colocados na berlinda: de um lado estão os estudantes que aprenderam a se movimentarem no ambiente virtual e, assim, relacionam-se com novos conhecimentos e maneiras diversificadas de comunicação mediada pelas redes sociais; por outro lado existem as dificuldades dos professores em desenvolverem novas metodologias para o ensino e a aprendizagem dos nascidos digitais (PALFREY; GASSER, 2011), visto que o método dominante na *práxis* dos professores ainda é a transmissão verbal do conhecimento baseada na fórmula linear: um para todos.

5 MODIFICAÇÕES: CULTURAIS E PESSOAIS NO MODO DE APRENDER

Os *sites* de redes sociais fazem parte do cotidiano das pessoas, permitindo que o usuário perceba que se trata de uma reconfiguração recente nas práticas de aprendizagem em rede. Isto torna as mudanças na maneira de ensinar e aprender um desafio novo para os profissionais da educação.

As tecnologias digitais presentes no cotidiano da sociedade moderna têm colocado em discussão, os métodos de ensino até então vigentes. Tais procedimentos vieram ao longo do tempo sustentando a hegemonia e a supremacia da transmissão verbal do conhecimento, todavia os dispositivos móveis digitais empreenderam novas possibilidades de se ensinar e aprender em rede. Com isso, as redes sociais colocam a escrita e a leitura no centro das reflexões, uma vez que a interação na *web* é essencialmente escrita.

A travessia de uma prática de ensino tradicionalmente oral à prática inovadora fundamentada na leitura e na escrita *on-lines* constitui num processo de articulação metodológica e epistemológica, por meio do qual se conhecem as novas necessidades de aprendizagem dos sujeitos. A partir do reconhecimento de que, na atualidade, tanto o ensino quanto a aprendizagem acontecem em rede, metodologias centralizadas em um único sujeito – professor – perderam sua eficácia, diluindo-se na velocidade dos *bits* da rede.

No que se refere à mudança no meio de transmissão de informação até então usado pela escola que, valendo-se dos meios analógicos – material impresso – adaptados à oralidade do professor –, demonstrando que até a chegada da internet está competência tinha validade porque o processo formativo se mantinha na autoridade do professor. Nestas circunstâncias, a influência do ensino analógico, foi delegada, até certo ponto à escola em grande medida aos meios de comunicação massivos, a televisão.

No contexto epistemológico fica evidente que deve haver mudança no currículo erudito da escola, primando pelo ideal de verdade e autenticidade dos saberes que devem ser ensinados pelos professores, cuja metodologia de ensino ainda está centrada no ideal positivista e moderno da ciência conflita com a realidade cotidiana, digital por essência.

Em contrapartida, os *sites* redes sociais têm permitido aos alunos recursos tecnológicos e digitais e por meio dos quais são produzidos conteúdos considerados apropriados para que a interatividade permita a aprendizagem em rede. No conjunto socioeducacional, as redes sociais permitem ver, ouvir, ler e escrever de maneira imediata sobre todo e qualquer assunto. Os processos educacionais tentam sublimar o uso de novas metodologias centradas no uso da escrita e da leitura em rede.

É certo que essas mudanças são mediadas pela *web* e as mentes passam por reconfigurações importantes de modo que nossos alunos vão evoluindo no uso da língua escrita e nos processos de leitura, a tal ponto que as redes sociais constituem no território de aprendizagem e construção de identidade.

Alterações nas práticas sociais e educacionais com o uso das tecnologias digitais conduzem a uma nova ordem no ato de aprender e de ensinar quando as redes sociais são tidas como ferramenta didática e pedagógica na sala de aula. Isso tem como consequência, em alguns casos, a competência em apreender conhecimento acontece de maneira interacional, porque a localização e a comunicação desse aprendizado são distribuídas em escala horizontal.

6 CONCLUSÕES

O cotidiano escolar e social na era da informação e da comunicação digitais móveis é marcado pelo fim das fronteiras entre o espaço real e virtual. Então, surgem os desafios à escola que ainda mantém como ponto de referência, o paradigma clássico de educação, isto é, o professor por meio do emprego das tecnologias da oralidade, da escrita faz o ensino e a aprendizagem monótona para os padrões da sociedade digital cuja máxima é a interação e o dialogismo na *web*.

Assim, considera-se o domínio da linguagem digital como um processo no qual a escrita enquanto tecnologia criativa permite novos modos de aprender, uma vez que se tem na escola estudantes nascidos na era digital.

Os nascidos digitais consideram os dispositivos móveis digitais uma espécie de prolongamento físico e mental de si. Isto, certamente, é um ponto de confronto entre as maneiras de ensinar e aprender na escola contemporânea, porque parte significativa dos professores da escola básica é considerada de imigrantes digitais (PALFREY; GASSER, 2011) e vive os conflitos metodológicos entre o ensinar verticalizado das metodologias tradicionais e o aprender interacional proposto pelos *sites* de redes sociais.

Fica evidenciado que a participação efetiva na *web* leva ao desenvolvimento da capacidade de interação escrita e, também outras habilidades e competências intelectuais. Adolescentes considerados poucos afeitos a escrita e a leitura no contexto da escola, mantém um ritmo intenso de produção textual em ambientes digitais por meio da postagem de comentários; ao tempo em que “linkam” suas práticas e ações com outros autores e leitores, cujos estilos estão para além dos gêneros clássicos de escrita e leitura pretendidos pela escola.

REFERÊNCIAS

COLL, César; CARLES, Monereo. **Psicologia da educação virtual**: aprender e ensinar com as tecnologias da informação e da comunicação. Porto Alegre: Artmed, 2010.

LÈVY, Pierre. **O futuro da Internet**: em direção a uma ciberdemocracia. São Paulo, 2010.

NICOLACI-DA-COSTA, Ana Maria. **Cabeças digitais**: o cotidiano na era da informação. São Paulo: Loyola, 2006.

PALFREY, John; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais. Porto Alegre: Artmed, 2011.

XAVIER, Antonio Carlos. **Hipertexto e cibercultura**: links com literatura, publicidade, plágio e redes sociais. São Paulo: Respel, 2011.

YOUNG, K. **Dependência da Internet**. Porto Alegre: Artmed, 2011. p.212.

Recebido em: 21 de Março de 2017
Avaliado em: 10 de Janeiro de 2018
Aceito em: 19 de Janeiro de 2018

1 Doutorado em Educação (2013) pela Universidade Federal da Bahia – UFBA; Mestre em Educação e Contemporaneidade (2010) pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Graduado em Letras Português e Inglês e Respectivas literaturas (2000) e em Letras - Língua Espanhol e Literaturas Hispano-americanas (2003), pela Universidade do Estado de Mato Grosso; Professor Adjunto, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB; Tem experiência no ensino-aprendizagem com Tecnologias Digitais, Gêneros Textuais Digitais - Letramentos digital e literário; Webletramento na perspectiva da Linguística de Internet com ênfase em cultura escrita e interações em rede sociais, bem como competências digitais e ensino de línguas estrangeiras; Atuou em 2015 como professor Colaborador no Programa de Pós-Graduação - Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS/UEFS com as disciplinas de Elaboração de Projetos e Tecnologia Educacional e Produção de material didático para o ensino de Língua Portuguesa em parceria com o Professor Doutor em Letras, Patrício Nunes Barreiros. E-mail: jpgbarreto@gmail.com